

ONDAS NO PLANALTO CENTRAL

Dono de uma rede de lojas de surfwear, o empresário André Romão transformou Brasília em um polo de cultura praiana. Adepto de um estilo de vida “sem pressa”, ele não abre mão de andar de skate e surfar – mesmo que esteja a mais de mil quilômetros do Atlântico





Demora um pouco para o empresário brasileiro André Romão abrir a porta da Kombi vermelha e branca ano 1983, comprada há quatro anos. São dez chaves. Nove absolutamente iguais – só a de ligar o carro é diferente. Ele enfia uma, testa, e nada. Tenta outra. Outra... Sorte que temos dois dias para fazer a reportagem. Mas será que não dá para fazer uma marquinha na chave que abre a porta? “Não adianta”, responde conformado. “Não adianta porque a chave que funciona agora talvez não funcione da próxima vez.” Tudo bem. Sem pressa. O negócio é aceitar que existe certa mística para entrar no veículo. Enquanto a chave certa não dá o ar da graça, ele conta que adorou a Kombi assim que a viu em um hotel de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. De Porto Alegre ligou para o então proprietário, ofereceu R\$ 9 mil, ele não aceitou completamente, mas, mesmo assim, André viajou de ônibus para lá e gastou a lábia até fechar o negócio. “Era um momento difícil para mim. Tinha acabado de quebrar o braço direito em quatro lugares andando de skate e fui obrigado a desistir de uma surf trip para o norte de Sumatra”, relembra sem uma ponta de ressentimento. “Fui dirigindo só com o braço esquerdo, largava a direção para trocar de marcha com a mesma mão, a Kombi quebrou no meio do caminho, foram três dias de viagem até Floripa, uma aventura.”

Basta a primeira história para entender o peso das duas palavras que dirigem a vida do empresário, 35 anos, dono de 11 lojas Mormaii no Brasil (marca ligada à cultura de praia), cinco delas em Brasília – como se a capital não estivesse a mais de mil quilômetros do Atlântico. Surf e

“ERA MOLEQUE E PENSEI O QUE FAZER PARA SURFAR A VIDA TODA”

skate – necessariamente nessa ordem. “Lembro de que era moleque, vi a revista *Inside* e, na hora, comecei a pensar o que fazer para surfar pelo resto da vida.” André conseguiu um emprego de vendedor da Redley, transformou-se no melhor da loja, virou destaque nacional e, antes do esperado, fez as malas para o Havaí graças às suas primeiras economias.

Lá pelos idos de 1994, André percebeu que havia um mercado consumidor de produtos de praia em Brasília suficiente para abrir lojas especializadas nesse segmento. Pegou o telefone da Mormaii em uma revista e não sossegou enquanto não ficou frente a frente com Morongo, o criador da marca, também conhecido como Marco Aurélio Raimundo, 61 anos, gaúcho de Porto Alegre (“ninguém é perfeito...”, nas palavras do próprio), radicado em Garopaba (SC) desde o início dos anos 1970. “Encontrei com Morongo descalço, sem camisa, na fábrica”, lembra Romão. “Expliquei que queria representar a marca em Brasília, ele achou estranho, não acreditou muito,

mas voltei para casa com quatro malas de roupa para vender. Lembro que comprei calculadora e fax, que eram uma parada nova nos escritórios. Comecei a trabalhar pesado e investir na divulgação de campeonatos. Em menos de dois anos, já estava abrindo a primeira loja no shopping Conjunto Nacional.”

Nem o próprio Morongo podia imaginar que a história de comercializar produtos de surf no cerrado fosse prosperar de forma tão vertiginosa. “Falei que não tinha nada a ver. Não tinha segurança nenhuma no negócio, mas o André estava tão decidido que trouxe até o pai como garantia de um possível prejuízo. E não é que o louco deu certo? Ele é um guerreiro, é uma bênção tê-lo ao lado. Às vezes, o sucesso é uma casualidade doida”, filosofa o criador da marca, que havia chegado a Garopaba para exercer a profissão de médico (leia boxe). “Morongo foi meu professor de negócios. Ele pensa 15 anos para frente, tem uma visão a longo prazo, é extremamente equilibrado, em todos os sentidos.”

ONDAS ETERNAS

André divide o ano em temporadas na capital federal e em Garopaba, base de operações do negócio durante o verão, quando fica se locomovendo entre as lojas do Sul do país. Em Brasília, seu principal escritório é a loja (e restaurante) no Pontão do Lago Sul, hoje área nobre às margens do lago Paranoá – até 2001 o lugar não passava de um matagal, ou o “fim do fim da noite”, explica André, referindo-se aos casais que iam de carro para lá ver as estrelas do Planalto Central com mais privacidade. Nos deslocamentos entre uma loja e outra de Brasília,



André faz escalas obrigatórias no Parque da Cidade para andar de skate. “Meu dia é meu rolê de skate. Dou uma volta de 8 quilômetros e outra de 4. Sempre chego feliz para trabalhar.”

Como alternativa ao transporte da Kombi, o empresário tem o costume de ir remando até a loja no Pontão do Lago Sul de stand up paddle. “Ponho a mochila com laptop nas costas, atravesso o lago de stand up e chego ao outro lado sem molhar o tênis.” O empresário vive com a família em um condomínio ao lado da Ermida Dom Bosco (capela em forma de pirâmide inaugurada em 1957), a sete minutos de caminhada da margem do lago. Ele rema cerca de 50 minutos para chegar ao Pontão do Lago Sul – de carro, faz o percurso em metade do tempo, mas, pelo lago, o prazer é incomparável.



NO ALTO, A KOMBI COMPRADA NO RIO GRANDE DO SUL; AOS 5 ANOS, PROFUNDAMENTE ABATIDO APÓS QUEBRAR O PÉ PELA PRIMEIRA VEZ ANDANDO DE SKATE; ACIMA, FELIZ DA VIDA NA PRAIA, EM GUARAPARI (ES)

André ainda encontra tempo na rotina para organizar e realizar dezenas de eventos esportivos, todos ancorados no Pontão do Lago Sul, epicentro de atividades náuticas radicais. Em março, por exemplo, aconteceu a 1ª Mormaii Sup Race de Brasília, uma travessia de stand up paddle de 12 quilômetros no lago Paranoá que contou com 40 participantes. O surf brasileiro (isso mesmo, o surf brasileiro) também deve muito ao empenho de André – ele está no grupo que, em um belo dia de 1995, ao ver passar uma manifestação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, decidiu formar o MSP (Movimento dos Sem-Praia). Foi a semente para a criação – dois anos depois – do 1º Campeonato Brasileiro de Surf, disputado na praia da Ferrugem, em Garopaba.

A sede por ondas fez a turma de André aprontar poucas (talvez nem tão poucas assim) e boas (talvez ótimas seja mais adequado) na juventude. “A gente saía de uma festa ruim, no meio da madrugada, e alguém lançava: ‘Vamos sur-

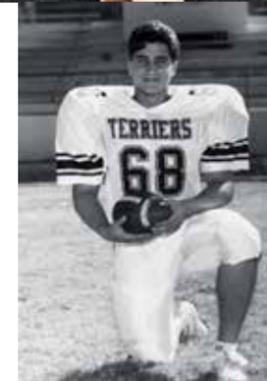


“PONHO A MOCHILA, ATRAVESSO O LAGO E VOU TRABALHAR DE STAND UP PADDLE”

FOTOS ARQUIVO PESSOAL / ADO HENRICH

far?’. ‘Vamos!’, e lá íamos nós para a estrada, numa viagem de 17 a 20 horas até Itacaré [Bahia], um bate e volta considerável para um fim de semana”, conta o psicólogo gaúcho Juliano Pupp Degrazia, 35 anos, o Juba, amigo de André desde os tempos do colégio. “Às vezes dava briga, porque entrava o swell (momento propício para surfar), eu ficava com o carro e a galera voltava de ônibus.”

Hoje em dia, quando a vontade de surfar fica incontrolável, eles não precisam mais rasgar meio país para chegar ao

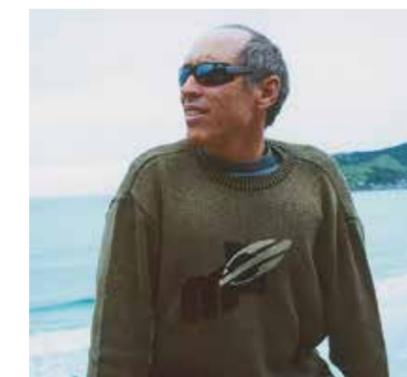


litoral. O que fazem então? Vão para o lago e praticam o wakesurf: sem estar preso a nenhum cabo, o atleta, sobre uma prancha, faz manobras como 360 graus, aéreo e minitubo em ondulação produzida por lancha de 340 cavalos de potência. A embarcação usada pelos camaradas do André tem 23 pés e pertence ao advogado potiguar Ângelo Augusto Costa Delgado, 35 anos. “Como ficamos um tempão na onda, temos mais chance de corrigir algumas posições. Depois, na praia, vemos o mar com outros olhos...”, explica Ângelo. “É como

NO ALTO, ANDRÉ NO “ESCRITÓRIO-KOMBI”: LAPTOP E REVISTAS DE MODA FAZEM COMPANHIA PARA SKATE, REMO E OUTROS APETRECHOS ESPORTIVOS; NA FOTO MENOR, PRONTO PARA JOGAR FUTEBOL AMERICANO, EM OKLAHOMA

Morongó: “Se as pessoas são bacanas, a marca dá certo”

Nos anos 1970, o doutor gaúcho Marco Aurélio Raimundo, o Morongó (foto abaixo), chegou a Garopaba para exercer a medicina em uma comunidade que não tinha água nem luz. Em troca dos atendimentos, ganhava peixe, galinha e a simpatia de todos. Fissurado por surf desde as temporadas na praia de Torres, deparou com a água gelada de Santa Catarina e passou a desenvolver uma roupa adequada ao frio. Lembrou que nos tempos de instrutor de mergulho conheceu, na Argentina, um material que poderia servir para a indumentária. Viajou 4.500 quilômetros até Puerto Madryn e voltou com uma tela de neoprene. Fez a roupa, que virou sensação entre os surfistas. Contratou doentes de hanseníase, então à margem da sociedade, para atender à demanda. Em 1975, criou a Mormaii (“mor”, de Morongó; “ma”, de Maíra, primeira mulher; e “ii”, de Hawaii). Hoje, pai de três filhos, tem cerca de 500 funcionários trabalhando em três fábricas: uma de roupas de neoprene, outra de surfwear e a terceira de óculos. “A marca, no fundo, são as pessoas que trabalham com ela. Se são pessoas bacanas, a coisa dá certo”, ensina Morongó.





se fosse uma onda eterna – só paramos quando acaba a gasolina.” A brincadeira com a lancha virou coisa séria: este ano foi disputada a sétima edição do Campeonato de Wakesurf, vencido por Guilly Brandão, tricampeão mundial de kitesurf. Após uma animada sessão de wakesurf no Paranoá, André traz no brilho dos olhos a felicidade de quem acaba de sair do mar. “Acho que o nível do meu surf está melhorando conforme vou envelhecendo.”

PROGRAMA DE MINEIRO

A paixão de André pela água vem de berço. Filho de mineiros (o pai, Lopes, de Governador Valadares; a mãe, Norka, de Patos de Minas), o moleque cresceu na piscina graças à profissão da mãe: professora de natação. Como preza a cartilha das férias perfeitas da família mineira, André se divertiu à beça nos verões de

Guarapari, Espírito Santo. Fez o terceiro colegial nos Estados Unidos, estudou em Oklahoma, suou a camisa com baseball e futebol americano e partiu para as montanhas do Colorado, onde adorou a experiência com snowboard. De volta a Brasília, formou-se em administração, especializando-se em comércio exterior. Depois da experiência na Redley, André tentou trabalhar com o pai, que sempre esteve envolvido com a venda de equipamentos médicos. Percebeu que jamais poderia conviver com esse universo ao presenciar um paciente falecer na UTI: momentos antes, ele foi abordado por um familiar do paciente que perguntara a situação do internado. André não conseguiu dar a notícia e saiu comovido, sem ser percebido.

Quem hoje vê o empresário rasgando o asfalto com o skate não imagina o grave acidente sofrido em 1998. Na terça de

“TENHO PLANOS DE ABRIR LOJAS NO EXTERIOR. CONHEÇO OS MELHORES PONTOS DA CALIFÓRNIA”

Carnaval, ele escorregou feio na ladeira ao lado da Granja do Torto e fraturou o crânio em cinco lugares. Ficou em coma 20 dias. Deram 10% de chance de sobreviver. Voltou com metade do corpo paralisado, sem memória recente, não reconhecia a mulher, Viviane, e só falava inglês. Contrariou os prognósticos e se reabilitou em menos de um ano. Só não recuperou o paladar que tinha antes do acidente. Mudou radicalmente alguns hábitos. “Experimentei carne bovina e parecia estragada. Agora, como só salada e peixe. Também achei Coca-Cola horrível, pensei: ‘Como alguém bebe isso?!’”

A relação com a gaúcha Viviane Anicet Fischer, 38 anos, se restabeleceu sem grandes percalços. Os dois namoram desde 1994. Conheceram-se trabalhando na Redley. Viviane era gerente quando André chegou cheio de vontade para vender. Em uma festa, ele ficou com

uma outra gerente, tentou ficar também com Viviane, mas não conseguiu. “Tive que perturbar mais dois meses até conseguir”, diz o empresário. “André é muito persistente, o que é uma qualidade, mas, por outro lado, também é teimoso demais...”, diz a gerente. Dia 5 de junho passado nasceu o primeiro filho do casal, Erik, em homenagem ao ator Erik Estrada, de *Chip’s* (seriado televisivo norte-americano do fim dos anos 1970). “Erik é a cara do pai”, confessa a mãe. André diz que o nascimento do filho não vai alterar a vida de viagens para o Sul nem a dedicação ao esporte. “Também tenho planos de abrir lojas no exterior. Sei quais são os melhores pontos da Califórnia e sempre me interessei por Austrália e Nova Zelândia. Um dia chego lá...”, divaga André, outra vez à procura da chave certa para abrir a porta da Kombi e nos levar até o aeroporto. ■

Limpeza do Paranoá garante prática esportiva

O lago Paranoá, parque de diversões dos praticantes de esportes náuticos em Brasília, está tinindo de limpo desde o ano 2000. Com 40 quilômetros quadrados e 111 quilômetros de perímetro, o Paranoá passou por um processo de 20 anos de despoluição, que contou com o investimento de R\$ 700 milhões na construção de duas estações de tratamento de esgoto e com o posterior trabalho de manejo dos peixes. Hoje, 95% do lago está liberado para banho.